Correção fraterna e maturidade espiritual: uma análise exegética de Gl 6,1-6 à luz da inteligência emocional

Fraternal correction and spiritual maturity: An Exegetical Analysis of Gal 6:1-6 in the light of emotional intelligence

Waldecir Gonzaga[1] e Eduardo Vinicius de Lima Peters[2]

Submetido em 23/09/2025
Aceito em 17/12/2026

RESUMO

Este estudo propõe uma leitura exegética e teológico-pastoral de Gl 6,1-6 à luz do método da Análise Retórica Bíblica Semítica, buscando articular a teologia paulina com os fundamentos da inteligência emocional, conforme elaborados por Daniel Goleman. O texto bíblico é analisado em sua estrutura retórica, destacando a centralidade do exame pessoal, da mansidão e da solidariedade como fundamentos para a correção fraterna na comunidade cristã. A análise incorpora também a contribuição dos Padres da Igreja, como João Crisóstomo, da teologia moral de Tomás de Aquino e do magistério contemporâneo dos Papas Bento XVI, João Paulo II, Francisco e Leão XIV. Para o presente estudo, é oferecido o texto tanto na língua original grega e como uma tradução própria para a língua portuguesa, facilitando a leitura e análise de todos. Em diálogo com Daniel Goleman, o estudo propõe que a prática da correção fraterna exige competências como a autoconsciência, a empatia, a autogestão e as habilidades sociais, favorecendo uma abordagem pastoral mais humanizada e espiritualmente enraizada. A correção cristã, portanto, não é apenas uma ação moral, mas uma expressão madura da vida no Espírito, iluminada por uma escuta interior e pelo respeito ao outro. O estudo conclui que a integração entre a sabedoria bíblica e os saberes da psicologia contribui para uma renovação da práxis pastoral, orientando a Igreja a praticar o cuidado mútuo com discernimento, humildade e caridade. Gl 6,1-6 revela-se, assim, uma chave hermenêutica atual para compreender a vida comunitária cristã como espaço de amadurecimento emocional e conversão espiritual.

Palavras-chave: Gálatas, inteligência emocional, correção fraterna, retórica semítica, espiritualidade paulina.

[1] Doutor e Mestre em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Gregoriana. Pós-Doutorado, pela FAJE e pela PUC-RS. Diretor e professor do Departamento de Teologia Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. Criador e líder do Grupo de Pesquisa Análise Retórica Bíblica Semítica. E-mail: waldecir@hotmail.com.

[2] Graduado em Teologia pelo Seminário Maior Arquidiocesano de Brasília e em Filosofia pela FASEM. Mestrando em Teologia Sistemático-Pastoral pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: pe.eduardopeters@gmail.com.

ABSTRACT

This article offers an exegetical and theological-pastoral reading of Gal 6:1-6 through the lens of Semitic Biblical Rhetorical Analysis, articulating Pauline theology with the principles of emotional intelligence, as developed by Daniel Goleman. The biblical text is analyzed for its rhetorical structure, highlighting the centrality of self-examination, gentleness, and solidarity as foundations for fraternal correction within the Christian community. The study incorporates the insights of Church Fathers such as John Chrysostom, as well as Thomas Aquinas' moral theology and the contemporary magisterium of Popes Benedict XVI, John Paul II, Francis and Leo XIV. For this study, the text is provided both in the original Greek and as a translation into Portuguese, facilitating reading and analysis for all. In dialogue with Daniel Goleman, the article suggests that effective fraternal correction requires competencies such as self-awareness, empathy, self-regulation, and social skills, enabling a more humanized and spiritually grounded pastoral approach. Christian correction is not merely a moral imperative, but a mature expression of life in the Spirit, shaped by inner listening and reverence for the other. The study concludes that the integration of biblical wisdom with psychological insight can renew pastoral practice, guiding the Church to foster mutual care with discernment, humility, and charity. Gal 6:1-6 thus emerges as a relevant hermeneutical key to understanding Christian community life as a space for emotional maturity and spiritual transformation.

Keywords: Galatians, emotional intelligence, fraternal correction, Semitic Rhetoric, Pauline spirituality.

1 Introdução

A Carta aos Gálatas, um dos textos protopaulinos (Gonzaga, 2017, p. 19-41; 2019, p. 406-407; 2025d, p. 41-60; Nef Ulloa; Lopes, 2016, p. 583-604), representa um dos trechos mais incisivos do corpus paulino, especialmente no tocante à defesa da liberdade cristã e da justificação pela fé. No entanto, além de sua densidade doutrinal, a carta culmina com um conjunto de exortações práticas que revelam a preocupação de Paulo com a vida comunitária e o cuidado mútuo entre os membros da Igreja. Dentre essas exortações, a perícope de Gl 6,1-6[3] se destaca por oferecer orientações sobre a correção fraterna, a partilha de fardos e a vigilância interior, configurando uma ética relacional profundamente enraizada na caridade cristã. Esse pequeno bloco epistolar, frequentemente negligenciado em estudos teológicos sistemáticos, oferece um verdadeiro itinerário de espiritualidade e maturidade humana que continua atual.

Ao mesmo tempo, no campo das ciências humanas, a teoria da inteligência emocional – sobretudo nas formulações de Goleman (1999; 2015; 2012) – tem se mostrado uma ferramenta essencial para compreender e promover a maturidade afetiva e relacional do sujeito. Estruturada em torno de competências como a autoconsciência, a autogestão, a empatia e as habilidades sociais, a inteligência emocional oferece um vocabulário e uma metodologia que se mostram especialmente fecundos quando aplicados ao campo da educação, da liderança e da vida em comunidade. O objetivo deste

[3] No corpo de nosso artigo usaremos sempre nas citações bíblicas, salvo quando for indicada a tradução própria dos autores, a versão da Bíblia de Jerusalém (2002).

artigo é justamente explorar a surpreendente convergência entre os ensinamentos paulinos de Gl 6,1-6 e os pressupostos da inteligência emocional, buscando demonstrar como a espiritualidade cristã já antecipava, em chave teológica, princípios que hoje são redescobertos pela psicologia e pelas ciências do comportamento.

A proposta não pretende reduzir a teologia paulina a categorias psicológicas, mas sim evidenciar a atualidade e a profundidade da antropologia bíblica, especialmente quando se trata de práticas comunitárias como a correção fraterna. Com base na exegese do texto sagrado, na análise do contexto literário e teológico da carta e no diálogo com a teoria da inteligência emocional, este artigo visa contribuir para a reflexão sobre a formação cristã e a vivência da caridade como caminho de conversão, comunhão e maturidade. Ao final, procura-se reafirmar que a liberdade cristã anunciada por Paulo não se realiza no isolamento ou no individualismo, mas na responsabilidade afetiva e espiritual pelo outro, como expressão da graça que age e transforma.

2 Texto e tradução de Gl 6,1-6

O pequeno trecho de Gl 6,1-6, objeto deste estudo, nos permite refletir profundamente sobre a correção fraterna, sobre o cuidado pessoal com a vida de fé e sobre como devemos cuidar uns dos outros, conscientes das fragilidades que temos e, portanto, da necessidade que temos da bondade dos outros para bem viver juntos a vida de cristãos. Tais elementos não refletem só o pensamento paulino, mas permeiam todo o Novo Testamento.

O texto revela que a conduta cristã não deve ser a do julgamento dos fracos, mas faz da correção fraterna uma oportunidade generosa de redenção e reerguimento do outro, considerando que a prática de uma autocrítica nos permite ver os outros com compaixão, pois o outro é reflexo daquilo que eu sou. A proposta paulina em Gl 6,1-6 é rica de valor moral, pois a verdade sobre o bem não pode ser renunciada por uma condescendência vazia, mas é também cheia de misericórdia restauradora, para que ninguém desanime da vida da fé. Para tanto, em vista deste estudo, parte-se do texto sagrado na língua grega e tradução pessoal para o português, segundo o quadro a seguir:

Quadro 1 – Segmentação e tradução de Gl 6,1-6

Texto grego de Gl 6,1-6 (NA8)	Tradução portuguesa
[1]Ἀδελφοί, ἐὰν καὶ προλημφθῇ ἄνθρωπος ἔν τινι παραπτώματι, ὑμεῖς οἱ πνευματικοὶ καταρτίζετε τὸν τοιοῦτον ἐν πνεύματι πραΰτητος, σκοπῶν σεαυτὸν μὴ καὶ σὺ πειρασθῇς.	[1]Irmãos, se também for surpreendido um homem em alguma transgressão, vós, os espirituais, corrigi esse tal em espírito de mansidão, cuidando de ti mesmo, para que também tu não sejas tentado.
[2] Ἀλλήλων τὰ βάρη βαστάζετε καὶ οὕτως ἀναπληρώσετε τὸν νόμον τοῦ Χριστοῦ.	[2]Uns aos outros o peso carregai e assim cumprireis a lei de Cristo.
[3] εἰ γὰρ δοκεῖ τις εἶναί τι μηδὲν ὤν, φρεναπατᾷ ἑαυτόν.	[3]Pois se alguém pensa ser alguma coisa, nada sendo, engana a si mesmo.
[4] τὸ δὲ ἔργον ἑαυτοῦ δοκιμαζέτω ἕκαστος, καὶ τότε εἰς ἑαυτὸν μόνον τὸ καύχημα ἕξει καὶ οὐκ εἰς τὸν ἕτερον·	[4]E a sua obra própria examine cada qual, e então para si mesmo somente terá o orgulho e não para o outro.
[5] ἕκαστος γὰρ τὸ ἴδιον φορτίον βαστάσει.	[5]Pois cada qual o seu próprio fardo carregará.

6 Κοινωνείτω δὲ ὁ κατηχούμενος τὸν λόγον τῷ κατηχοῦντι ἐν πᾶσιν ἀγαθοῖς.	6E faça participante o que está sendo instruído na palavra o que instrui, em todas as coisas boas.

Fonte: texto grego da NA28 (NESTLE *et al.*, 2012); tradução e tabela dos autores.

3 Análise do texto bíblico de Gl 6,1-6

A análise exegética de Gl 6,1-6 pode ser significativamente enriquecida quando associada a uma abordagem retórica que leve em conta os modos próprios de composição do pensamento bíblico. Nesse sentido, o método da Análise Retórica Bíblica Semítica oferece instrumentos eficazes para decifrar a lógica estrutural e argumentativa do texto sagrado. Desenvolvido a partir dos estudos de Meynet (2008) e outros exegetas, esse método reconhece que, diferentemente da retórica greco-romana clássica, os textos bíblicos frequentemente obedecem a uma lógica de simetria, paralelismos, repetições e estruturas em espiral, próprias da tradição semítica.

Aplicar o método da Análise Retórica Bíblica Semítica ao *corpus* paulino não significa impor-lhe uma moldura externa, mas reconhecer uma organização interna coerente com as categorias culturais e linguísticas do ambiente judaico-helênico em que Paulo escrevia. Nesse horizonte, Gonzaga defende que a Carta aos Gálatas, especialmente no capítulo 6, expressa não apenas um conteúdo doutrinário e ético, mas também uma disposição formal que visa intensificar sua eficácia pastoral: "A estrutura retórica do texto bíblico, especialmente em Paulo, não é apenas um artifício literário, mas revela sua intencionalidade teológica e espiritual" (Gonzaga, 2021, p. 10). Assim, a Análise Retórica Bíblica Semítica permite perceber com mais clareza a coerência entre forma e conteúdo na exortação paulina à correção fraterna e à solidariedade cristã, iluminando a profundidade espiritual do texto.

3.1 Breve introdução geral à Carta aos Gálatas

A Carta aos Gálatas foi endereçada por Paulo às comunidades da Galácia, província romana na região central da Ásia Menor. A maioria dos estudiosos identifica os destinatários como os cristãos convertidos gentios das cidades de Antioquia da Pisídia, Icônio, Listra e Derbe, fundadas durante a primeira viagem missionária (At 13–14). Essas comunidades viviam uma crise teológica provocada por missionários judaizantes que exigiam circuncisão e observância da Lei como condição de salvação, ameaçando a liberdade conquistada pela fé em Cristo. Paulo responde com vigor e urgência, afirmando que a justificação vem "pela fé", e não por meio das "obras da Lei" (Gl 2,16).

A carta articula uma defesa incisiva da liberdade cristã (Gonzaga, Strona, 2021, p. 14-46), mas também delineia uma ética comunitária responsável. No capítulo 5, Paulo ensina que a verdadeira liberdade é fruto do Espírito e se manifesta no cultivo das virtudes listadas em Gl 5,22-23 (Gonzaga; Chagas, 2023, p. 57-88) – amor, paz, mansidão e domínio próprio — como expressão concreta da fé que atua pela caridade (Gl 5,6). Essas orientações são retomadas e aplicadas no capítulo 6, no qual Paulo traduz essas virtudes num estilo de vida eclesial: correção fraterna, compartilhamento dos fardos, exame pessoal e generosidade para com os professores da Palavra.

A estrutura do texto foi cuidadosamente organizada em três partes: a narrativa pessoal (Gl 1–2), a fundamentação doutrinária da justificação pela fé (Gl 3–4) e a aplicação prática da liberdade cristã (Gl 5–6). No capítulo final, Paulo concretiza sua teologia elevada em instruções sobre a vida comunitária: "corrigir com mansidão" (Gl 6,1), "carregar os fardos uns dos outros" (Gl 6,2), "examinar o próprio campo" (Gl 6,4)

e "compartilhar com os que ensinam a Palavra" (Gl 6,6). Esse bloco encerra a carta com uma espiritualidade da comunhão: a liberdade cristã não anula a responsabilidade, mas a molda na caridade, na humildade e no serviço mútuo. Gonzaga, ao analisar a Carta aos Gálatas, sintetiza desta forma:

> Dado o valor da carta aos Gálatas, no tocante ao tema da liberdade cristã em aderir a Cristo, ela é tida como a Magna Carta da Liberdade Cristã ou ainda como Manifesto do Cristianismo Paulino, na qual o 'Apóstolo dos Gentios' (Rm 11,13) luta e labuta pela defesa da 'Verdade do Evangelho' e pela liberdade dos seguidores de Cristo em aderir à fé sem os condicionamentos da lei Mosaica, própria da tradição judaica e não de todos os povos, visto que o cristão, como nova criatura, tem a liberdade que o próprio Cristo lhe concedeu (Gl 5,1) (Gonzaga, 2021, p. 9).

Ao iniciar o capítulo final da carta (Gl 6), Paulo propõe uma série de exortações práticas que sintetizam sua visão ética da liberdade cristã. O trecho de Gl 6,1-6, em particular, revela uma concepção amadurecida de vida eclesial, em que a correção fraterna, a partilha e a humildade se entrelaçam como expressões da fé que atua pela caridade (Gl 5,6). Sua construção literária, quando analisada à luz da Retórica Semítica, evidencia uma pedagogia da comunhão e da responsabilidade, que será examinada com mais profundidade a seguir.

3.2 Análise exegética de Gl 6

A análise da passagem, conforme sistematizada por Gonzaga (2021, p. 34), evidencia uma estrutura quiástica[4]:

A) v.1 – Correção com mansidão
  B) v.2 – Solidariedade: carregar os pesos alheios
    C) v.3 – Crítica à vanglória
      D) v.4 – Centro: exame pessoal
    C') v.5 – Responsabilidade individual
  B') v.6 – Partilha material com o mestre da Palavra
A') (implícito) – Edificação recíproca

O centro da construção está na exigência do autoconhecimento: "δοκιμαζέτω ἕκαστος τὸ ἔργον ἑαυτοῦ/examine cada qual a sua obra própria" (Gl 6,4), indicando que o ato de corrigir o outro exige primeiro um olhar interior. Meynet (2008) observa que essa organização em espiral é típica da Análise Retórica Bíblica Semítica, refletindo uma pedagogia relacional fundada na repetição e simetria.

A primeira parte da perícope paulina nos parece propor o cuidado mútuo e a solidariedade cristã. Contudo, ao chegarmos no v.4 – centro da perícope –, Paulo parece tanger para uma autorreflexão, demandando cuidado com a própria condição de quem corrige, exortando a uma conversão pessoal somada à solidariedade fraterna. Deve-se ter então uma dupla preocupação: consigo, para evitar a cegueira das próprias faltas, e com outro, para que através da caridade empenhada ele não se perca. Ao que parece, a fragilidade do outro é espelho da própria fragilidade, recomendando uma certa brandura

[4] "Estrutura quiástica" refere-se a uma figura de linguagem ou padrão de organização textual onde elementos são dispostos de forma espelhada ou cruzada. Essa estrutura, também conhecida como padrão em cruz ou quiasma, cria um efeito de simetria e, muitas vezes, enfatiza o elemento central da composição. A análise de textos bíblicos frequentemente utiliza a estrutura quiástica para interpretar passagens e entender a relação entre diferentes ideias.

na correção, pois ela também pode se aplicar a quem corrige. O próprio Evangelho, na oração do Pai-nosso e em outros ensinamentos de Jesus, nos recorda que pedimos a Deus que aplique sobre nós o critério que usamos para o julgamento dos outros (Mt 6,12.14-15; Mt 7,1-2; Mc 11,25; Lc 6,37-38). Além disso, a bem-aventurança da misericórdia é a única no Evangelho cuja recompensa corresponde à ação realizada (Mt 5,7; Tg 2,13). Dessa maneira, a correção fraterna nunca é uma mera sentença de reprovação do outro, mas sim um desejo benéfico de reparação e salvação, baseado na própria experiência de resgate realizado por Deus.

O texto grego da Nestle-Aland 28ª edição (Nestle *et al.*, 2012) fornece a base para uma análise detalhada. Nele, destacam-se os verbos e estruturas que sustentam o imperativo ético do apóstolo: "Ἀδελφοί, ἐὰν καὶ προλημφθῇ ἄνθρωπος ἐν τινὶ παραπτώματι, ὑμεῖς οἱ πνευματικοὶ καταρτίζετε τὸν τοιοῦτον ἐν πνεύματι πραΰτητος, σκοπῶν σεαυτόν, μὴ καὶ σὺ πειρασθῇς/Irmãos, se também for surpreendido um homem em alguma transgressão, vós, os espirituais, corrigi esse tal em espírito de mansidão, cuidando de ti mesmo, para que também tu não sejas tentado" (Gl 6,1). A expressão "καταρτίζετε ἐν πνεύματι πραΰτητος/corrigi com espírito de mansidão" torna-se central para a compreensão do tom de toda a perícope. Além disso, Paulo parece fazer uma distinção entre os fardos que se podem carregar comunitariamente e o que corresponde a responsabilidade pessoal, justificando a correção fraterna, pois o que pode ser suportado por todos deve ser assumido com caridade por todos, mas o que só o indivíduo pode carregar precisa ser assumido individualmente. Segundo Louw e Nida (2013, p. 95), o vocabulário paulino distingue cuidadosamente os termos βάρη (pesos partilháveis) e φορτίον (carga pessoal), delineando os limites entre a responsabilidade mútua e a individual.

A temática da correção fraterna desenvolvida por Paulo em Gl 6,1-6 encontra ressonância em outras passagens de suas cartas, revelando a coerência de uma espiritualidade profundamente comunitária e relacional. Em 1Ts 5,14, Paulo exorta à correção dos indisciplinados com paciência e amparo aos fracos, unindo exortação e ternura, tal como em Gl 6,1 ("corrigir em espírito de mansidão"). Já em 2Ts 3,15, ele insiste que a correção não deve ser feita com julgamento, mas com fraternidade: "adverti-o como irmão", princípio que impede que o zelo se converta em exclusão.

Em Rm 15,1-2, ao encorajar os mais fortes na fé a suportarem os fracos para edificação, Paulo retoma a ideia de "carregar os fardos uns dos outros" (Gl 6,2). A mesma lógica se manifesta em Ef 4,2.15.25, em que a verdade deve ser dita com amor e humildade, pois somos "membros uns dos outros", formando um corpo que cresce em Cristo por meio do amor operante. Por fim, em 1Cor 13,6-7, a caridade, que tudo suporta e se alegra com a verdade, é apresentada como critério de discernimento das relações comunitárias. Todas essas passagens mostram que, para Paulo, a correção fraterna não é um exercício de poder, mas uma prática espiritual sustentada pela caridade, pela humildade e pelo compromisso com a comunhão. Podemos sintetizar essa correlação temática no seguinte quadro:

Quadro 2 – Correlação dos textos paulinos

Texto paulino	Expressão-chave	Tema correlato com Gl 6,1-6
Gl 6,1-6	"Corrigir com mansidão; carregar os fardos"	Correção fraterna, caridade, responsabilidade
1Ts 5,14	"Corrigi os indisciplinados… sede pacientes com todos"	Correção com paciência e solidariedade

2Ts 3,15	"Adverti-o como irmão"	Correção sem exclusão, em espírito de fraternidade
Rm 15,1-2	"Suportar os fracos… para a edificação do próximo"	Carregar os fardos com empatia e edificação
Ef 4,2.15.25	"Falar a verdade em caridade… somos membros uns dos outros"	Correção com mansidão e comunhão eclesial
1Cor 13,6-7	"A caridade tudo suporta, tudo espera"	Caridade como critério das relações fraternas

Fonte: os autores (2025).

As ideias de correção fraterna e de cuidado mútuo permeiam o pensamento paulino e suas exortações às comunidades, tornando manifesta a necessidade dessa práxis desde o principio do cristianismo, reforçando o caráter comunitário da vivência da fé.

A tradição patrística confirma essa leitura e oferece interpretações valiosas. João Crisóstomo, em seu comentário à carta aos Gálatas afirma:

> Vós, que sois espirituais, reconduzi esse tal. Não diz: 'castigai' ou 'ondenai', mas: 'reconduzi', isto é, corrigi. E não se detém aí; antes, para mostrar que é preciso agir com grande mansidão para com os que caem, acrescenta: "em espírito de mansidão". Não diz simplesmente: 'com mansidão', mas: 'em espírito de mansidão', indicando que tal atitude também agrada ao Espírito, pois corrigir os pecadores com humanidade constitui um dom espiritual (Crisóstomo, 1862, col. 673).

Agostinho de Hipona, ao comentar Gl 6,1-2, interpreta a correção fraterna e o suporte mútuo como expressão concreta da caridade cristã. Para ele, a exortação paulina a corrigir "em espírito de mansidão" (Gl 6,1) é uma convocação a agir com brandura, e não com severidade, reconhecendo a fragilidade comum da natureza humana:

> Irmãos, se alguém for surpreendido em alguma falta, vós, que sois espirituais, corrigi tal pessoa com espírito de mansidão, cuidando de ti mesmo, para que também tu não sejas tentado. O que significa quando ele diz: *'se alguém for surpreendido'*? Significa que, muitas vezes, não há vontade deliberada em pecar, mas a fraqueza humana se antecipa. Por isso ele não quer que tal pessoa seja corrigida com aspereza, mas com mansidão. E quando diz: *'cuidando de ti mesmo, para que também tu não sejas tentado'*, quer que se entenda o seguinte: quando poupas o outro, poupas a ti mesmo; e quando tens compaixão do outro, tens compaixão de ti. Portanto, deveis corrigi-lo com espírito de mansidão, porque também vós sois humanos. Pois nisso levamos os fardos uns dos outros, quando suportamos mutuamente os nossos pecados (Agostinho, 1864, col. 2145, n. 58, tradução própria).

Assim, o preceito de "carregar os fardos uns dos outros" (Gl 6,2) se realiza quando os membros da comunidade cristã, conscientes de suas próprias limitações, suportam pacientemente as quedas e imperfeições alheias, ajudando-se mutuamente no caminho da conversão. Agostinho de Hipona vê nesse gesto o verdadeiro cumprimento da "lei de Cristo", isto é, da caridade:

> Levai os fardos uns dos outros e assim cumprireis a lei de Cristo, isto é, certamente, a lei da caridade. Se cumpre a lei quem ama o próximo, e se o amor do próximo é também maximamente recomendado nas antigas Escrituras, amor no qual, como diz o mesmo Apóstolo em outro lugar, se resumem todos os mandamentos da Lei, então é manifesto que também aquela Escritura, dada ao primeiro povo, é lei de Cristo, a qual ele veio cumprir pela caridade, já que ela não era cumprida pelo temor. Portanto, a mesma

> Escritura e o mesmo mandamento, quando prometem bens terrenos a servos ainda iniciantes, são o Antigo Testamento; quando elevam à condição de filhos livres aqueles que ardem pelos bens eternos, são o Novo Testamento (Agostinho, 1864, col. 2145, n. 58, tradução própria).

Com isso, ele insere a prática da correção e da tolerância recíproca no coração da vida eclesial, fundamentando-a na mútua compaixão e no amor operante. Mário Victorino, comentando Gl 6,2 ("Levai os pesos uns dos outros"), afirma: "Aqui está a plenitude da lei de Cristo: suportar e tolerar a necessidade do outro" (Victorinus, 1844, col. 1193, tradução própria). Cláudio de Turim (séc. IX), em sua exegese, ecoa a mesma linha interpretativa ao afirmar:

> Considerando-te a ti mesmo, para que também tu não sejas tentado. Nada inclina tanto à misericórdia quanto a consideração do próprio perigo. Considerando-te a ti mesmo, porque também tu és homem e podes ser surpreendido por algum pecado, e então vir a precisar da ajuda de Deus e do próximo. Os que estão sãos devem sustentar os enfermos e sepultar os mortos, porque sem dúvida creem que também eles podem adoecer e morrer. (Claudio de Turim, 1864, col. 904, tradução própria)

Segundo Tomás de Aquino, a correção fraterna é um ato de caridade. Trata-se de remover o mal do irmão em vista de seu bem espiritual, o que faz da correção fraterna uma obra de misericórdia espiritual, inserida no preceito da caridade cristã (Aquino, 2003, v. 5, II-II, q. 33, a. 1, p. 452). Para Tomás de Aquino, a correção fraterna só é eficaz se for orientada pela virtude da mansidão (*mansuetudo*), que modera a ira segundo a razão e evita que a correção se transforme em agressividade, escândalo ou vanglória (Aquino, 2003, v. 7, II-II, q. 157, a. 1-4, p. 353-359).

A introdução dessa perícope paulina encontra forte ressonância também no magistério recente. O Papa Bento XVI, por ocasião de sua visita pastoral a Assis, ao refletir sobre a conversão cristã e a correção fraterna, afirmou que: "Falar de conversão significa ir ao centro da mensagem cristã e ao mesmo tempo às raízes da existência humana" (Bento XVI, 2007), e que a correção mútua deve brotar de um coração humilde, consciente da própria fragilidade diante de Deus.

O Papa João Paulo II, em sua exortação apostólica *Reconciliatio et Paenitentia*, afirma que: "A correção fraterna, feita com caridade e prudência, é uma forma insubstituível de caridade pastoral. [...] Ela visa restaurar o pecador na comunhão eclesial, promovendo a verdade na caridade" (João Paulo II, RP 26). Na Audiência Geral, de 6 de outubro de 2021, o Papa Francisco ressaltou que "a liberdade cristã deve ser vivida no amor... no dom de si mesmo", explicando que "isso é o que significa carregar os fardos uns dos outros", ao comentar o nosso texto (Francisco, 2021). Após seu falecimento, essa síntese permanece como testemunho eloquente da atualidade pastoral de Gl 6,1-6.

Durante o Jubileu dos ministros ordenados, em 27 de junho de 2025, o Papa Leão XIV convidou seminaristas, presbíteros e bispos a viverem um ministério marcado pela unidade, humildade e caridade fraterna, em estreito diálogo com os valores expressos em Gl 6. Em seu discurso aos seminaristas das dioceses do Triveneto, exortou-os a não se verem "como solistas" (Leão XIV, 2025a), mas a cultivar comunhão, amizade e confiança recíproca, reconhecendo que ninguém caminha sozinho no discernimento vocacional. Em mensagem dirigida aos presbíteros durante o Jubileu, pediu que atuassem como "instrumentos de reconciliação e construtores de unidade" (Leão XIV, 2025c), lembrando que o Senhor não busca sacerdotes perfeitos, mas corações humildes, abertos à conversão e prontos para amar como Ele nos amou. Estas palavras ressoam e coadunam com Gl 6,2 ("carregai os fardos uns dos outros") e Gl 6,1 ("corrigir em

espírito de mansidão"), pois o Papa também realçou que fraquezas e crises sejam acolhidas como oportunidades de graça, promovendo uma espiritualidade da ternura e da proximidade (Leão XIV, 2025b), e não de derrota ou finitude. Assim, Leão XIV atualiza o ensinamento paulino, afirmando que a comunhão e a correção fraterna são frutos da caridade ativa na Igreja.

O texto de Gl 6,16 revela, portanto, uma densidade teológica e espiritual que ultrapassa o nível da exortação moral e se inscreve no coração da vida cristã como expressão da liberdade que atua no amor (Gl 5,6), especialmente no "amor ao próximo" (Gl 5,14) (Gonzaga, 2016, p. 15-39; 2018, p. 207-228; Gonzaga; Bustamente, 2023, p. 159-197). Longe de propor uma ética individualista ou meramente normativa, Paulo articula uma pedagogia da comunhão que une autoconhecimento, responsabilidade pessoal e solidariedade eclesial. O exame interior (Gl 6,4) e a mansidão na correção (Gl 6,1) constituem exigências simultâneas de uma espiritualidade madura, que reconhece a fragilidade humana como oportunidade de graça e crescimento comum.

Essa interpretação, corroborada pelos Padres e Doutores da Igreja, como Agostinho de Hipona, João Crisóstomo e Tomás de Aquino, é também reiterada pelo Magistério contemporâneo, que vê na correção fraterna um ato de misericórdia espiritual e na partilha dos fardos a realização concreta da lei de Cristo (Gl 6,2). O Papa Leão XIV (2025c), ao retomar essas intuições em chave pastoral durante o Jubileu dos ministros ordenados, recorda que comunhão, humildade e caridade são pilares de um ministério configurado ao coração do Bom Pastor. Assim, Gl 6,1-6 permanece como uma referência viva para a construção de comunidades cristãs reconciliadas, vigilantes e fraternas, onde a liberdade em Cristo se manifesta no cuidado mútuo e na busca constante da verdade no amor.

4 A Inteligência Emocional e a Correção Fraterna Paulina

A prática da correção fraterna proposta por Paulo em Gl 6,1 – "corrigir com espírito de mansidão" – revela uma profunda sintonia com aquilo que a psicologia contemporânea reconhece como inteligência emocional. Ao orientar os "espirituais" a corrigirem o irmão em queda com brandura e atenção à própria fragilidade ("cuidando de ti mesmo, para que também tu não sejas tentado"), Paulo antecipa intuitivamente aspectos centrais da inteligência emocional, como a empatia, a autorregulação e a consciência de si.

Essa sensibilidade pastoral paulina não é apenas uma técnica relacional, mas expressão de uma espiritualidade do cuidado que integra afetividade e discernimento ético. A correção fraterna, longe de ser mera denúncia moral, transforma-se, nesse contexto, em um gesto de caridade madura, que exige domínio interior e respeito pela dignidade do outro. Com isso, Paulo oferece não apenas uma norma de conduta, mas uma pedagogia espiritual da comunhão, profundamente atual para os desafios da convivência comunitária e eclesial. Para melhor tratarmos dessa correlação vamos desenvolver brevemente alguns conceitos da Inteligência Emocional.

4.1 Conceito de Inteligência Emocional (IE) segundo Daniel Goleman

No desenvolvimento de sua teoria, Goleman adota um percurso diverso do tradicional processo educacional: em vez de focar na formação emocional desde a infância, ele identifica as lacunas existentes no indivíduo adulto que não desenvolveu adequadamente suas competências emocionais. No capítulo quinze de seu best-seller

Inteligência Emocional, Goleman (2012) analisa as consequências do analfabetismo emocional ao longo da vida de uma pessoa. Já na década de 1990, os dados sobre o crescimento dos problemas emocionais entre crianças e adolescentes eram alarmantes. Observou-se, ao longo das décadas, um aumento significativo em dificuldades como retraimento social, problemas de relacionamento interpessoal, ansiedade, depressão, déficit de atenção, dificuldades cognitivas e comportamentos agressivos ou delinquentes. Frente a esse cenário, Goleman afirma que:

> Esse não é um fenômeno americano, mas global. […]. Vivemos tempos de famílias economicamente acossadas, em que pais trabalham muitas horas, de modo que os filhos são deixados por sua própria conta e risco ou aos cuidados da televisão, a babá substituta; em que mais crianças do que nunca são criadas na pobreza; em que as famílias-de-um-só-pai ou mãe são cada vez mais comuns; em que mais bebês e crianças pequenas são deixadas em creches tão mal equipadas que equivalem ao abandono. Tudo isso acarreta, mesmo para os pais bem-intencionados, a perda, cada vez maior, de incontáveis oportunidades para pequenos e protetores intercâmbios com seus filhos, fundamentais para o desenvolvimento de aptidões emocionais (Goleman, 2012, p. 252).

Diante desse quadro, como promover o desenvolvimento das aptidões emocionais? Goleman, ao tratar da formação de líderes em um artigo publicado na *Harvard Business Review* (novembro/dezembro de 1998), posteriormente traduzido para o português (Goleman, 2015), sintetiza o processo da educação emocional em quatro competências fundamentais: autoconsciência, autogestão, empatia e habilidades sociais.

4.1.1 Autoconsciência

Consiste na capacidade de perceber e compreender a si mesmo com assertividade, reconhecendo tanto os próprios limites e fragilidades quanto os pontos fortes e estruturantes. O indivíduo que desenvolve essa competência adquire o primeiro componente da inteligência emocional (Goleman, 2015, p. 14), o que lhe permite avaliar melhor desafios e circunstâncias da vida. Conhecer-se é essencial para tomar decisões mais eficazes e estratégicas diante das situações cotidianas.

A autoconsciência, contudo, não se limita a uma introspecção isolada. Ela implica também uma abertura relacional, pois o olhar sobre si mesmo se aprimora na interação com o outro e no confronto com a realidade. Ao identificar padrões emocionais recorrentes, motivações ocultas e reações espontâneas, o indivíduo pode reinterpretar sua história pessoal e amadurecer sua identidade. Assim, a autoconsciência torna-se um processo dinâmico de autoconhecimento e autocrítica construtiva, favorecendo a autenticidade e prevenindo atitudes defensivas ou autossabotadoras.

4.1.2 Autogestão

Também chamada de autocontrole, é descrita por Goleman como "uma conversa interior contínua", um processo que impede que sejamos "prisioneiros dos nossos sentimentos" (Goleman, 2015, p. 16). Trata-se da capacidade de dominar as próprias emoções para agir com equilíbrio e discernimento, mesmo em momentos de estresse ou conflito.

A autogestão, portanto, não se restringe a reprimir emoções, mas a cultivá-las de modo inteligente, transformando a energia emocional em força de ação equilibrada. Essa competência envolve resiliência, paciência e a capacidade de manter o foco em metas mais amplas, mesmo diante de pressões imediatas. Quem desenvolve a autogestão não

apenas evita reações impulsivas, mas aprende a responder de forma estratégica, adaptando-se a diferentes contextos e pessoas. Desse modo, essa habilidade torna-se fundamental tanto para a vida pessoal quanto para o exercício de lideranças responsáveis, pois permite lidar com críticas, frustrações e imprevistos sem perder a serenidade e a clareza de propósito.

4.1.3 Empatia

Refere-se à habilidade de reconhecer-se no outro, promovendo um olhar de alteridade. O termo "empatia" deriva do verbo latino *patire*, que significa "sofrer", não só no aspecto negativo, mas no sentido de ser influenciado por algo ou por alguém, que exerce força reflexiva, que permite ao indivíduo o colocar-se no lugar do outro e, a partir daí, compreendê-lo e acolhê-lo. Assim, a empatia implica um "sofrer com", ou seja, um conhecimento profundo do outro que possibilita a identificação e a compreensão de suas emoções. Esse entendimento permite que nos movamos para acolher e auxiliar o próximo de maneira genuína.

A empatia, no contexto da inteligência emocional, não se reduz a uma sensibilidade passiva diante do outro, mas se apresenta como uma competência ativa, capaz de orientar relacionamentos mais saudáveis e construtivos. Goleman a descreve como a capacidade de perceber com exatidão as emoções alheias, interpretando sinais verbais e não verbais, de modo a responder de forma adequada. Essa habilidade cria pontes de confiança e diálogo, fundamentais para a cooperação em ambientes familiares, sociais e profissionais (Goleman, 1999). Além disso, a empatia amplia a consciência social, permitindo ao indivíduo reconhecer necessidades coletivas e engajar-se em ações solidárias que ultrapassam o interesse pessoal. Nesse sentido, ela não apenas humaniza as relações, mas também potencializa a capacidade de liderança, de mediação de conflitos e de promoção do bem comum.

4.1.4 Habilidades sociais

Pode-se dizer que a empatia é o alicerce das habilidades sociais. Ao perceber e compreender as emoções do outro, torna-se possível desenvolver uma comunicação mais eficaz e construtiva. A interação interpessoal bem-sucedida envolve não apenas a capacidade de reconhecer semelhanças e diferenças, mas também de administrar essas percepções para gerar relacionamentos saudáveis e produtivos.

As habilidades sociais, nesse sentido, não se restringem a um conjunto de técnicas de convivência, mas constituem uma competência complexa que integra autoconhecimento, autogestão e empatia na prática cotidiana. Elas possibilitam resolver conflitos de maneira construtiva, inspirar confiança e fomentar cooperação, criando ambientes de respeito mútuo e colaboração. Além disso, são fundamentais para o exercício da liderança, pois permitem influenciar positivamente pessoas e grupos sem recorrer à imposição, mas por meio do diálogo e da capacidade de motivar. Assim, as habilidades sociais tornam-se o espaço visível em que a inteligência emocional se manifesta em sua dimensão mais comunitária e transformadora.

Dessa forma, ao analisar essas práticas, fica evidente que o desenvolvimento das emoções pode contribuir significativamente para o crescimento pessoal e interpessoal. Por outro lado, a ausência de formação emocional pode resultar em dificuldades na vida cotidiana, prejudicando tanto os relacionamentos quanto a autorrealização do indivíduo. Conhecer-se, gerir-se, compreender o outro e adaptar-se ao convívio social são habilidades que facilitam, de maneira incontestável, o progresso humano e intelectual.

4.2 A correção fraterna de Gl 6,1-6 sob a perspectiva da Inteligência Emocional

Evidentemente Paulo nunca teve qualquer contato com uma proposta, ou modo de organização, ou mesmo com o conceito de inteligência emocional, uma vez que estamos tratando de um hiato de aproximadamente dois mil anos entre Paulo e Goleman. Contudo, parece-nos interessante observar que apesar da distância entre os autores, a Carta aos Gálatas tem intuições muito próximas dos conceitos da inteligência emocional, algo extraordinário, enquanto mostra a atualidade do ensinamento paulino. Considerar que valores cristãos possam ter um grau de fineza que se equipara a um sistema que só nos foi dado dois mil anos depois, manifesta o valor dos princípios cristãos e a sua perenidade, sobretudo quando tratamos de fazer crescer um humanismo integral.

4.2.1 Paulo e a autoconsciência

A exortação de Paulo em Gl 6,1-6 oferece um modelo de maturidade espiritual e relacional que pode ser lido à luz das competências da inteligência emocional descritas por Goleman. Essa aproximação não visa reduzir a espiritualidade a categorias psicológicas, mas identificar convergências que enriqueçam a compreensão da prática cristã. Em 1Cor 9,27, Paulo escreve: "Trato duramente o meu corpo e o subjugo, para que, tendo pregado aos outros, eu mesmo não venha a ser reprovado". Essa passagem revela a dimensão da autoconsciência, pois o apóstolo demonstra vigilância constante sobre si mesmo, exigindo coerência entre vida e anúncio. Tal atitude encontra paralelo em Gl 6,4, que recomenda: "Cada um examine a sua própria conduta", evidenciando que a correção fraterna só pode ser autêntica quando nasce de um coração lúcido e convertido. Paulo não se apresenta só como pregador de uma prática, mas a aplica de maneira sincera em sua própria vida.

A teologia paulina é atravessada por momentos de profunda autoconsciência, nos quais o apóstolo revela seu conhecimento interior, sua história de conversão e a tensão entre sua fraqueza humana e a força da graça. Em 1Cor 15,9-10, ele escreve: "Pois sou o menor dos apóstolos, nem sou digno de ser chamado apóstolo, porque persegui a Igreja de Deus. Mas, pela graça de Deus, sou o que sou, e a sua graça para comigo não foi vã." Essa consciência de suas fragilidades e da ação da graça configura um autoconhecimento não destrutivo, mas regenerado pela fé.

Em Rm 7,15-24, Paulo oferece uma descrição pungente de sua luta interior: "Não faço o bem que quero, mas o mal que não quero." Ele reconhece as contradições da natureza humana, denunciando nelas não apenas uma realidade universal, mas a própria condição pessoal. Esse discurso não é mera introspecção, mas um exame existencial marcado por lucidez, arrependimento e confiança. Em 2Cor 12,7-10, ao falar do "espinho na carne", Paulo mais uma vez assume suas limitações como lugar de manifestação da graça. Na verdade, a graça se apresenta como elemento essencial para evitar o desânimo e o pessimismo antropológico no percurso da conversão, pois, por mais que os pecados fiquem manifestos à luz da fé em Cristo, a mesma fé atua como força renovadora. Paulo mesmo diz:

> Já que estas revelações eram extraordinárias, para eu não me encher de soberba, foi-me dado um aguilhão na carne – um anjo de Satanás para me espancar – a fim de que eu não me encha de soberba. A esse respeito três vezes pedi ao Senhor que o afastasse de mim. Respondeu-me, porém: 'Basta-te a minha graça, pois é na fraqueza que a força manifesta todo o seu poder.' Por conseguinte, com todo ânimo prefiro gloriar-me das minhas fraquezas, para que pouse sobre mim a força de Cristo. Por isto, me comprazo

> nas fraquezas, nos opróbrios, nas necessidades, nas perseguições, nas angústias por causa de Cristo. Pois quando sou fraco, então é que sou forte. (2Cor 12, 7-10)

Nessas passagens, ele demonstra um tipo de autopercepção profundamente alinhada com a autoconsciência emocional descrita por Goleman: um conhecimento realista de si mesmo, integrando história, emoção, fé e missão, que sustenta a autenticidade de sua vida e ministério.

A autoconsciência, conforme apresentada por Goleman, é o fundamento de toda inteligência emocional, pois permite ao sujeito identificar suas emoções, reconhecer padrões de comportamento e compreender o impacto de suas atitudes sobre os outros. Trata-se de uma competência que favorece o autodomínio e a responsabilidade pessoal, aspectos indispensáveis para relações saudáveis e decisões éticas. Nas cartas paulinas, essa mesma dinâmica aparece transfigurada numa chave teológica: a consciência de si não visa apenas a autorregulação psicológica, mas a configuração progressiva ao Cristo crucificado.

Paulo não apenas conhece suas emoções e limites – ele os entrega ao discernimento da graça e da missão. Sua autoconsciência não o fecha em si mesmo, mas o abre à ação transformadora do Espírito. Nesse sentido, enquanto Goleman propõe a autoconsciência como pilar da liderança eficaz, Paulo a testemunha como base da autenticidade apostólica. Em ambos os casos, o sujeito maduro é aquele que se conhece suficientemente para agir com liberdade, humildade e responsabilidade diante de si mesmo, dos outros e – no caso paulino – de Deus.

Diante do exposto, mais do que um exercício individual, a autoconsciência unida ao exame de consciência projeta o cristão para uma responsabilidade histórica e comunitária. Reconhecer-se não é apenas voltar-se ao interior, mas situar-se no mundo como sujeito chamado a colaborar com o desígnio de Deus. Nesse sentido, Paulo exorta a todos para que "cada um examine a sua própria conduta" (Gl 6,4), sublinhando que a lucidez pessoal se converte em critério para escolhas que repercutem na vida comum. A clareza sobre o próprio modo de viver inspira atitudes de justiça, solidariedade e reconciliação (Salovey; Mayer, 1989-1990, p. 129). Assim, cada verificação pessoal não permanece restrita ao íntimo, mas se converte em energia transformadora para a construção de uma convivência mais humana e fraterna, sinal concreto do Reino já presente e ainda em devir.

4.2.2 Paulo e a autogestão

A segunda competência da inteligência emocional, segundo Goleman, é a autogestão emocional, isto é, a capacidade de dominar impulsos e reagir com equilíbrio diante de pressões e conflitos, a exemplo do que Paulo enfrentou nas Igrejas da Galácia, por ele fundadas (Gonzaga, 2025a, 2025b, 2025c). Essa dimensão encontra ressonância profunda na vida e nos escritos de Paulo, que repetidamente apela ao controle interior como expressão da vida no Espírito. Em Ef 4,26-27, ele exorta: "Irai-vos, mas não pequeis. Não se ponha o sol sobre o vosso ressentimento". Reconhece, portanto, a legitimidade da emoção, mas exige que ela seja regulada pelo amor e pela razão. Em Gl 5,22-23, Paulo apresenta os frutos do Espírito, entre os quais se destacam a *mansidão* (πραΰτης) e o *domínio próprio* (ἐγκράτεια) (Gonzaga, 2022, p. 227-249), virtudes fundamentais para a autogestão. Essas qualidades, que reaparecem como requisitos na correção fraterna (Gl 6,1), revelam uma espiritualidade que valoriza a paz interior, o domínio das paixões e a resposta paciente às adversidades. Em 2Cor 6,4-6, ao listar as provas do ministério, Paulo destaca que age "com paciência, [...] com mansidão, com espírito de santidade", revelando que a sua credibilidade apostólica está associada à capacidade de suportar com equilíbrio os desafios do anúncio.

No campo da psicologia, Goleman descreve a autogestão emocional como a habilidade de canalizar impulsos destrutivos e emoções perturbadoras, mantendo serenidade e clareza em situações de tensão (Goleman, 2012, p. 212). Esse domínio não significa repressão emocional, mas discernimento interior para agir com liberdade e não reatividade. Tal habilidade é essencial para o convívio interpessoal e a liderança. No pensamento paulino, a autogestão é uma consequência da ação do Espírito no crente: trata-se de uma forma elevada de liberdade, aquela que não se submete às obras da carne, mas "é guiada pelo Espírito" (Gl 5,16). Ambas as abordagens, embora partam de horizontes distintos – psicológico e teológico –, reconhecem que a maturidade pessoal passa pelo controle da impulsividade, a regulação das reações e a orientação das emoções em favor do bem próprio e coletivo. Paulo vai além ao afirmar que esse domínio não é apenas humano, mas graça cultivada na vida no Espírito.

A correlação entre Paulo e Goleman evidencia que a autogestão emocional é um ponto de convergência entre ética humana e maturidade espiritual: para Goleman, trata-se de um pré-requisito para decisões sensatas e relacionamentos saudáveis (Goleman, 2015, p. 16); para Paulo, é fruto da santificação operada pelo Espírito, que torna o cristão capaz de agir conforme Cristo mesmo em situações adversas. Ambas as visões atribuem à autogestão um papel formativo: ela não é apenas uma defesa contra impulsos desordenados, mas uma forma de liberdade responsável. No contexto da correção fraterna (Gl 6,1), essa liberdade se revela na mansidão e na cautela: o irmão que corrige deve ser senhor de si, não escravo de sua indignação ou ansiedade. Assim, o autocontrole emocional é condição para agir com justiça e caridade. Nesse ponto, o diálogo entre inteligência emocional e espiritualidade cristã converge para afirmar que só quem governa bem a si mesmo pode ser sinal de reconciliação e sabedoria no seio da comunidade.

4.2.3 Paulo e a empatia

O trecho de Gl 6,1-6 revela a profundidade pastoral de Paulo ao tratar das relações entre os membros da comunidade. A correção fraterna "em espírito de mansidão" (Gl 6,1) e o convite a "carregar os fardos uns dos outros" (Gl 6,2) manifestam uma clara disposição empática: o cuidado com o outro não parte da superioridade moral, mas da solidariedade no reconhecimento mútuo da fragilidade humana. A empatia aqui é espiritualizada – nasce da experiência do Espírito que conforma a comunidade à imagem de Cristo (Gl 5,22-25). Essa dimensão empática não se restringe à vida interna da comunidade: ela se desdobra em toda a atuação de Paulo. O mesmo apóstolo que exorta os gálatas à caridade paciente é também aquele que manifesta grande sensibilidade com os pagãos recém-convertidos (Rm 15,1-2), reconhecendo suas culturas, acolhendo suas limitações e defendendo sua inclusão na fé sem imposições da Lei mosaica (At 15,1-29).

No livro dos Atos dos Apóstolos, Paulo aparece reiteradamente como alguém capaz de compreender as realidades culturais, religiosas e emocionais de seus interlocutores. Em At 17, por exemplo, seu discurso no Areópago revela não apenas inteligência retórica, mas empatia cultural: ele parte dos elementos religiosos dos gregos para anunciar-lhes o Deus desconhecido. Em At 20,36-38, ao se despedir dos presbíteros de Éfeso, Paulo chora com eles, aceita suas lágrimas e compartilha o drama da separação, demonstrando sensibilidade afetiva. Também se solidariza com companheiros como Timóteo (2Tm 1,4) e Epafrodito (Fl 2,25-30), cujas enfermidades e angústias acolhe com genuína preocupação. A empatia de Paulo, portanto, é concreta: ele não se limita a preceitos doutrinais, mas encarna uma espiritualidade da proximidade, atento ao sofrimento alheio e disposto a adaptar-se por amor ao evangelho (1Cor 9,22).

Ao relacionarmos a prática de Paulo com a noção contemporânea de empatia, observamos uma notável consonância. Ainda que sua linguagem seja teológica, Paulo

compreende e pratica os princípios de escuta, compaixão e atenção ativa ao outro. A exortação a corrigir com mansidão, partilhar encargos e cuidar uns dos outros (Gl 6,1-6) não é apenas norma moral, mas expressão de uma disposição interior que se constrói ao longo da caminhada espiritual. Sua solicitude com os pagãos e colaboradores evidencia uma empatia que é, ao mesmo tempo, missionária e afetiva, ética e espiritual. Nesse sentido, Paulo oferece à comunidade cristã um modelo de liderança empática, não centrada em si, mas sensível ao clamor do outro – modelo que, à luz da inteligência emocional, pode ser compreendido como maturidade afetiva a serviço da edificação da Igreja.

4.2.4 Paulo e a habilidade social

A perícope de Gl 6,1-6 evidencia que Paulo compreendia a vida cristã como uma experiência profundamente relacional. Exortações como "corrigir com espírito de mansidão" (Gl 6,1) e "carregar os fardos uns dos outros" (Gl 6,2) pressupõem habilidades sociais bem desenvolvidas: escuta ativa, comunicação prudente e abertura ao outro. Essas orientações revelam que, para o apóstolo, a convivência e a edificação da comunidade não se dariam sem uma interação ética e afetiva, moldada pela caridade. Nesse sentido, Paulo manifesta consciência de que relações humanas requerem mais do que preceitos: exigem comportamento ajustado às necessidades do próximo, respeito mútuo e equilíbrio entre autoridade e empatia. Isso ressoa diretamente com o que Goleman propõe como "habilidades sociais" – a capacidade de gerir relacionamentos, inspirar, persuadir, cooperar e resolver conflitos de forma construtiva (Goleman, 2015, p. 18).

Ao longo de seu ministério, Paulo demonstra grande destreza em interações humanas, adaptando-se aos contextos e pessoas que encontra. Em 1Cor 9,22, ele resume sua habilidade adaptativa ao afirmar: "fiz-me tudo para todos, para ganhar alguns a qualquer custo". Em At 16–18, observa-se sua diplomacia com autoridades, seu respeito pelas culturas locais e sua capacidade de formar vínculos sólidos com colaboradores como Lídia, Timóteo e Priscila e Áquila. Por outro lado, Paulo também enfrentou dificuldades relacionais. Em At 15,36-40, o conflito com Barnabé, por causa de João Marcos, levou à separação temporária da missão conjunta. Mais tarde, em 2Tm 4,10-16, ele expressa mágoa por ter sido abandonado por Demas e por outros. Esses episódios revelam que, embora Paulo possuísse notável capacidade de liderança e cooperação, também teve de lidar com desentendimentos, frustrações e rupturas, mostrando os limites naturais de qualquer relação humana. Tais momentos não invalidam sua missão, mas a tornam mais realista e humana.

A habilidade social em Paulo deve ser compreendida numa chave teológico-afetiva: não se trata apenas de competência natural, mas de um dom amadurecido pelo Espírito, aperfeiçoado nas lutas da missão. Seus sucessos e falhas no trato com os outros não diminuem sua autoridade apostólica, mas a revelam permeada de humanidade e conversão constante. Gl 6,1-6 sintetiza bem essa visão: quem corrige deve fazê-lo com mansidão; quem ajuda deve estar disposto a partilhar os pesos; quem ensina deve ser sustentado pela comunidade. Paulo compreende a construção da comunhão eclesial como fruto de um esforço coletivo, onde relações saudáveis são sustentadas por virtudes como paciência, tolerância, humildade e verdade. Assim como Goleman observa que as habilidades sociais estão no centro da liderança emocionalmente inteligente, também Paulo revela que a eficácia apostólica nasce do encontro sincero com o outro – encontro marcado por tensões, reconciliações e fidelidade ao Evangelho.

5 Conclusão: a atualidade da teologia paulina à luz da inteligência emocional

A análise de Gl 6,1-6 em diálogo com os conceitos fundamentais da inteligência emocional revela a extraordinária atualidade da teologia paulina no campo das relações humanas, da formação do sujeito ético e da vivência comunitária. Ainda que separados por quase dois milênios, o apóstolo Paulo e Goleman convergem na afirmação de que a maturidade relacional exige autoconhecimento, domínio interior, empatia e habilidades sociais – elementos que, na teologia paulina, não se fundamentam apenas em competências psicológicas, mas na ação do Espírito que transforma o coração e configura o discípulo ao Cristo. A proposta de correção fraterna "em espírito de mansidão", o convite ao exame pessoal e ao carregamento mútuo dos fardos não são apenas preceitos morais, mas expressões de uma espiritualidade profundamente afetiva e relacional, que reconhece a fragilidade humana como lugar de crescimento mútuo, responsabilidade e caridade.

A correspondência entre os pilares da inteligência emocional e a ética relacional de Paulo – notadamente a autoconsciência (Gl 6,4), a autogestão (Gl 6,1), a empatia (Gl 6,2) e as habilidades sociais (Gl 6,6) – atesta a perenidade da antropologia cristã e sua capacidade de iluminar os desafios contemporâneos da convivência humana. A prática da correção fraterna, longe de ser um mero mecanismo de controle moral, emerge como um ato de misericórdia sustentado por uma maturidade espiritual que integra afetividade, responsabilidade e discernimento. O modelo relacional paulino, como demonstrado nos textos bíblicos, nos escritos patrísticos e no magistério recente, propõe uma pedagogia da comunhão que se mostra profundamente fecunda para a formação humana, pastoral e eclesial.

Em tempos marcados pela fragilidade dos vínculos, pelo crescimento da intolerância e pela carência de lideranças emocionalmente equilibradas, os princípios de Gl 6,1-6 oferecem uma via de esperança e sabedoria. Eles reafirmam que a correção, o cuidado e o suporte mútuo não são concessões frágeis, mas exigências do amor maduro. A teologia de Paulo continua, assim, a oferecer fundamentos sólidos para a edificação de comunidades cristãs e humanas capazes de integrar fé, afetividade e convivência. Trata-se de uma espiritualidade que continua desafiadora e necessária, pois ensina que só na verdade, vivida com caridade – e com inteligência relacional –, é possível construir a liberdade em Cristo e a fraternidade entre os irmãos.

Referências

AGOSTINHO, Aurélio. Expositio epistolae ad Galatas. *In:* MIGNE, Jacques Paul (ed.). *Patrologiae cursus completus:* Series Latina. Paris: J.-P. Migne Editorem, 1864. t. 35, col. 2145, n. 58. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1dpmKSRCak9gvQ-emTU3uLgijW4A47Qr7/view. Acesso em: 12 abr. 2026.

AQUINO, Tomás de. *Suma teológica*. São Paulo: Loyola, 2003. v. 5.

AQUINO, Tomás de. *Suma teológica*. São Paulo: Loyola, 2003. v. 7.

BENTO XVI. Homilia do Santo Padre durante a concelebração eucarística presidida na praça inferior da Basílica de São Francisco: Domingo, 17 de Junho de 2007. *A Santa Sé:* Cidade do Vaticano, 2007. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2007/documents/hf_ben-xvi_hom_20070617_assisi.html. Acesso em: 4 maio 2025.

BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.

CLÁUDIO DE TURIM**.** In Epistolam ad Galatas. In: MIGNE, Jacques Paul (ed.). *Patrologiae cursus completus:* Series Latina. Paris: J.-P. Migne Editorem, 1864. t. 104, col. 904. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1zzXiZ2d5qaksRGanozsWF5we1gDLaOIJ/view. Acesso em: 12 abr. 2026.

CRISÓSTOMO, João. In Epistolam ad Galatas commentarius. In: MIGNE, Jacques Paul (ed.). *Patrologiae cursus completus:* Series Graeca. Paris: J.-P. Migne Editorem, 1862. t. 61, col. 673. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1vzMFzyInrq3NV_B2GQoAUE9RcQWkP4Ri/view. Acesso em: 12 abr. 2026.

FRANCISCO. Audiência Geral: Sala Paulo VI, Quarta-feira, 6 de outubro de 2021. *A Santa Sé:* Cidade do Vaticano, 2021. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2021/documents/papa-francesco_20211006_udienza-generale.html. Acesso em: 27 junho 2025.

GOLEMAN, Daniel. *Inteligência Emocional:* A Teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2012.

GOLEMAN, Daniel. *Liderança: A inteligência emocional na formação do líder de sucesso.* Rio de Janeiro: Editora Objetiva 2015.

GOLEMAN, Daniel. *Trabalhando com a inteligência emocional.* Rio de Janeiro: Objetiva, 1999.

GONZAGA, Waldecir. O amor de Deus e do próximo na *Gaudium et Spes* 16 e 24. *In:* FERNANDES, Leonardo Agostini. (org.). Gaudium et Spes *em questão*: Reflexões bíblicas, teológicas e pastorais. São Paulo: Paulinas, 2016. p. 15-39.

GONZAGA, Waldecir. O *Corpus Paulinum* no Cânon do Novo Testamento. *Atualidade Teológica,* Rio de Janeiro, v. 21, n. 55, p. 19-41, jan./abr. 2017.

GONZAGA, Waldecir. Os pobres, o amor ao próximo e a prática do bem em Gálatas 2,10; 5,14 e 6,9. In: COSTA, Celma L. F.; COSTA, Luiz A. F. P.; SILVA, Valmor. (orgs.). *Justiça e Santidade:* entre o ideal humano e o divino. Goiânia: Espaço Acadêmico, 2018. p. 207-228.

GONZAGA, Waldecir. *Compêndio do Cânon Bíblico:* Listas bilíngues dos Catálogos Bíblicos, Antigo Testamento, Novo Testamento e Apócrifos. Rio de Janeiro: EdiPUC-Rio; Petrópolis: Vozes, 2019.

GONZAGA, Waldecir. A estrutura literária da Carta aos Gálatas à luz da Análise Retórica Bíblica Semítica. *ReBiblica*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 09-41, jan./jun. 2021.

GONZAGA, Waldecir; STRONA, Marco. Liberati per la libertà: per una semantica della grazia in Gal 5,1. *Pesquisas em Humanismo Solidário*, Salvador, v. 1, n. 1, p. 14-46, nov./dez. 2021. Disponível em: https://app.periodikos.com.br/journal/revistaphs/ed/6182a709a95395335e3107c3. Acesso em: 11 abr. 2026.

GONZAGA, Waldecir. A construção da fraternidade e da amizade social à luz da Teologia Bíblica da Fratelli Tutti. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, v. 54, n. 1, p. 227-249, 2022.

GONZAGA, Waldecir; BUSTAMANTE, Rosendo Javier. O "amor ao próximo" como fundamento da ética bíblica a partir de Gálatas 5,13-14. *In:* GONZAGA, Waldecir *et al.* (org.). *Evangelização, santidade e amor a Deus e ao próximo nas Epístolas do Novo Testamento.* Porto Alegre: Fundação Fênix, 2023. p. 159-197.

GONZAGA, Waldecir; CHAGAS, Antônio Marcos. O "fruto do Espírito" a partir de Gl 5,22-23: fundamento do pensamento ético de Paulo. *QOL Revista Biblica Mexicana*, Ciudad de México, v. 92, p. 57-88, mayo/ago. 2023. Disponível em: https://pontificia.edu.mx/wp-content/uploads/2026/03/qol-92.pdf#page=119.11. Acesso em: 11 abr. 2026.

GONZAGA, Waldecir. "A Verdade do Evangelho" (Gl 2,5.14) e a Autoridade na Igreja: Gl 2,1-21 na exegese do Vaticano II até os nossos dias: História, balanço e novas perspectivas. 3. ed. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2025a.

GONZAGA, Waldecir. *Os Conflitos na Igreja Primitiva entre Judaizantes e Gentios em Gálatas, Romanos e Atos dos Apóstolos.* Rio de Janeiro: Letra Capital, 2025b.

GONZAGA, Waldecir. *Os Conflitos na Igreja Primitiva entre Judaizantes e Gentios em Gl 2*. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2025c.

GONZAGA, Waldecir. *O Cânon Bíblico do Novo Testamento.* Rio de Janeiro: Letra Capital, 2025d.

JOÃO PAULO II. Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Reconciliatio et Paenitentia* de Sua Santidade João Paulo II ao episcopado, ao clero e aos fiéis sobre a reconciliação e a penitência na missão da igreja hoje. *A Santa Sé,* Cidade do Vaticano, 1984. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_02121984_reconciliatio-et-paenitentia.html. Acesso em: 4 maio 2025.

LEÃO XIV. Address of Pope Leo XIV to the seminarians of the Dioceses of Triveneto: Largo Giovanni Paolo II, Wednesday, 25 June 2025. *A Santa Sé,* Cidade do Vaticano, 2025a. Disponível em: https://www.vatican.va/content/leo-xiv/en/speeches/2025/june/documents/20250625-seminaristi-triveneto.html?utm_source=chatgpt.com. Acesso em: 29 jun. 2025.

LEÃO XIV. Meditação do Papa Leão XIV: Basílica de São Pedro, Altar da Confissão, Terça-feira, 24 de junho de 2025, Jubileu dos Seminaristas. *A Santa Sé,* Cidade do Vaticano, 2025b. *A Santa Sé,* Cidade do Vaticano, 2025b https://www.vatican.va/content/leo-xiv/pt/speeches/2025/june/documents/20250624-giubileo-seminaristi.html. Acesso em: 30 jun. 2025.

LEÃO XIV. Mensagem do Papa Leão XIV por ocasião do Dia Mundial de Oração pela Santificação dos Sacerdotes: [27 de junho de 2025 - Solenidade do Sagrado Coração de Jesus]. *A Santa Sé,* Cidade do Vaticano, 2025c. Disponível em: https://www.vatican.va/content/leo-xiv/pt/messages/pont-messages/2025/documents/20250627-messaggio-santificazione-sacerdotale.html. Acesso em: 30 jun. 2025.

LOUW, Johannes P.; NIDA, Eugene A. *Greek-English Lexicon of the New Testament Based on Semantic Domains*. 2. ed. New York: United Bible Societies, 2013.

MEYNET, Roland. *Trattato di retorica biblica*. Bologna: EDB, 2008.

NESTLE, Eberhard; NESTLE, Erwin; ALAND, Barbara; ALAND, Kurt; KARAVIDOPOULOS, Johannes; MARTINI, Carlo M.; METZGER, Bruce M. (ed.). *Novum Testamentum Graece.* 28. ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgeselschaft; Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2012.

NEF ULLOA, Boris A.; LOPES, Jean R. Epistolografia paulina: origem e estrutura, *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, v. 48, n. 3, p. 583-604, 2016.

SALOVEY, Peter; MAYER, John D. *Emotional intelligence:* Imagination, Cognition and Personality, v. 9, n. 3, p. 185-211, 1989-1990. Disponível em: https://center.uoregon.edu/StartingStrong/uploads/STARTINGSTRONG2016/HANDOUTS/KEY_46201/pub153_SaloveyMayerICP1990_OCR.pdf. Acesso em: 12 abr. 2026.

VITORINO, Mário. In Epistolam ad Galatas. *In:* MIGNE, Jacques Paul (ed.). *Patrologiae cursus completus*: Series Latina. Paris: Vrayet, 1844. t. 8, col. 1193. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1w1iEK4MVToIvUF-n2AHKkPp_fmyRxBFC/view. Acesso em: 12 abr. 2026.

Estudos Bíblicos

OPEN ACCESS

Distribuído sob Creative Commons
CC-BY 4.0
© 2025 aos autores.
Publicado e Distribuído por ABIB

abib

Revista Oficial da ABIB –
Associação Brasileira de Pesquisa Bíblica